

Estava a Morte ali, em pé, diante, sim, diante de mim, como serpente que dormisse na estrada e de repente se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a fúnebre bacante!  
Que torvo olhar! que gesto de demente!  
E eu disse-lhe: «Que buscas, impudente, loba faminta, pelo mundo errante?»

— Não temas, respondeu (e uma ironia sinistramente estranha, atroz e calma, lhe torceu cruelmente a boca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um troféu glorioso de mais... Busco a tua alma — Respondi-lhe: «A minha alma já morreu!»

Anima Mea, Antero de Quental 1842-1891

Muito longe d'aquí, nem eu sei quando, nem onde era esse mundo, em que eu vivia... mas tão longe... que até dizer podia que enquanto lá andei, andei sonhando...  
Porque era tudo ali aéreo e brando, e lúcida a existência amanhecia...  
E eu... leve como a luz... até que um dia um vento me tomou, e vim rolando...  
Café e achei-me, de repente, envolto em luta bestial, na arena fera, onde um bruto furor bramia solto.  
Senti um monstro em mim nascer n'essa hora, e achei-me de improviso feito fera...  
— É assim que rujo entre leões agora!

www.citador.pt/poemas/anima-mea

erguendo os braços para o céu distante e apóstrofando os deuses invisíveis, os homens clamam: — «Deuses impassíveis, a quem serve o destino triunfante, porque é que nos criastes?! Incessante corre o tempo e só gera, inextinguíveis, dor, pecado, ilusão, lutas horríveis, n'um turbilhão cruel e delirante...»  
Pois não era melhor na paz clemente do nada e do que ainda não existe, ter ficado a dormir eternamente?  
Porque é que para a dor nos evocastes? Mas os deuses, com voz inda mais triste, dizem: — «Homens! por que é que nos criastes?»

www.citador.pt/poemas/anima-mea

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVI, Nº 08 – 2012 AGOSTO  
Assinatura até 31.12.12: 04 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (RS 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.  
Delicie-se com obras mestras de Contos e Mensais!  
www.haicu.sf.nom.br

– ¿Por qué lloras?  
– ¡porque no la veo!  
– ¿Por qué lloras?  
– ¡porque la he visto!  
¡Ay, de los que sólo poseen la risa, máscara del Dolor!

Julio Herrera y Reissig, Poésía Completa y Prosas, Átomos de Luz Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

– Em que lugar o Amazonas recebe o Negro, Nestor?  
– No Terreiro do Pai Jonas; querendo ir lá, Professor?  
Dorothy Jansson Moretti, 1206 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo/SP

Ligo logo a minha antena vendo lágrimas de amor, que a minha alma sente pena quando alguém sofre de amor.  
Humberto Del Maestro, 1206 Lit. & Arte Rua Aurora A. Ferreira 171, Ap 702 29090-310 – Vitória/ES

Eu te agradei, tu me agradas, e no doce cativeiro, sem algema e sem ciladas tu me prendes por inteiro!  
Luiz Carlos Abrítta, 1108 Trinos do Pitiguari: Rua Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Na tua ausência disponho três modos de estar contigo: são a fantasia e o sonho mais um retratinho antigo.  
Miguel Russowsky, 0005 Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

Confúcio, ao nos prevenir, externou, seu parecer: “Quem não vive pra servir, não serve para viver...”  
Pedro Grilo, 1204 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

A vida é tão bela e boa, a vida é boa e tão bela, mas há quem caminhe à toa sem ver a beleza dela.  
Zito Lobo, 1205 Binóculo ivonilodias@secrel.com.br jbatista@unifor.br

La vida hay que disfrutarla con alegría y amor, cada mañana besarla dando gracias al Señor...  
Ángela Desirée Palacios Bravo

Es un canto de alegría la vida en su despertar, una fiesta cada día para juntos celebrar.  
Maria Cristina Fervier

Aquele poema antigo, entre cartas encontrado, foi magia que bendigo eis-me de volta ao passado...  
Maria Helena B. Catan

Tende a viver de amarguras, como a raposa da lenda quem acha as uvas maduras, mas não colhe esta oferenda.  
Mário Augusto J. Zamarato

Por este vale encantado, de uvas, luzes e cores, descortina-se um passado de sonho e grandes amores.  
Olga Maria Dias Ferreira

Meu coração é confuso e gira e fica girando como fosse um paraquoso que fica te machucando.  
Ualasse Boeira Rabelo

III Jogos Florais, Caxias do Sul 2012 – UBT Seção Caxias do Sul/Academia Caxiense de Letras – Gentileza de Amália Marie Gerda

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.  
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

## SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.08.12, enviar até 3 haicus de quigos: Dia dos Finados, Pintassilgo, Sálvia.  
Até o dia 30.09.12, enviar até 3 haicus de quigos: Jasmin, Réveillon, Trovoada.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Ap 82  
05010-040 - São Paulo, SP  
ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.  
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

## QUIDAIIS DE INVERNO – TEMAS DE INVERNO

Após a chuva o quentinho do sol manhá de inverno.  
Amanda Machenki

Na cama quentinha ouço o barulho do vento noite de inverno.  
Ana Paula Morais Seixas

Manhá de inverno bom de ficar na cama hui! que frioziinho.  
André Martins Krueczak

Noite de inverno as estrelas tão pequenas brilham ao longe.  
Aryana Vieira Korevaar

Da minha janela vejo o pôr do sol de inverno sumindo, sumindo.  
Biatris Zuber Lisboa

Abro a janela o colorido dos galhos do cipó de João.  
Cássia Maria Saldan

Caminho da serra ladeado de flores as azaleias.  
Dorotéia Iantas Miskalo

Grémio de Haicai Chão dos Pinheiros, 1ª Antologia de Haicai, Irati/PR, 2010: dmiskalo@hotmail.com – Gentileza de Marilena Budel



## HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Luz, na noite gélida!  
A geada cristaliza as matas e os campos.  
Amália Marie Gerda  
Sob um sol ardente, com ruidos farfalhantes, o corte de cana.  
Amália Marie Gerda  
Na noite gélida, figuras encapotadas se apressam nas ruas.  
Angelica Villela Santos  
Ingarana em flor, ao vento, sacode pétalas sobre o chão de outono.  
Angelica Villela Santos

Com as mãos machucadas, um chapéu e um facão: corte de cana.  
Angelica Villela Santos  
Lá vão os roceiros, antes de clarear o dia, pro corte de cana.  
Argemira F. Marcondes  
Rigoroso inverno. O vento que chega forte deixa a noite gélida.  
Argemira F. Marcondes  
Ninguém na rua; neve cai, silenciosa.  
Denise Cataldi

Mendigo na rua, trêmulo, sem cobertor.  
Noite gélida.  
Djalda Winter Santos  
Passeio no campo. Natureza exuberante; ingarana em flor.  
Djalda Winter Santos  
Canção ritmada – homens cantam, trabalhando. É o corte de cana.  
Djalda Winter Santos  
Canavial, repleto de gente cortando cana.  
Iracema Gomes

Noite gélida pessoas tremendo.  
Lareira em chamas.  
Iracema Gomes  
Toda salpicada de brancos em verde-escuro, a ingarana em flor!  
Manoel F. Menendez  
Descendo dos ônibus no meio de falatórios, cortadores de cana.  
Manoel F. Menendez  
Um homem deitado sob pouco cobertor na noite gélida.  
Manoel F. Menendez

No terreiro da fazenda todos olham as estrelas na noite gélida.  
Maria App. Picanço Goulart  
No meio da tarde, zum-zum-zum dos insetos.  
Ingarana em flor.  
Marilena Budel  
Na noite gélida enroladinhos na manta.  
Filme na tevê.  
Marilena Budel  
Na tarde quente o suor escorre no rosto.  
Corte de cana.  
Marilena Budel

Boia-fria de mãos calejadas.  
Corte de cana.  
Neuza Pommer  
Na esquina, sem-teto se enrola em cobertor.  
Noite gélida.  
Neuza Pommer  
Grupo de jovens fotografam ingarana em flor.  
Neuza Pommer  
A rua vazia.  
Perdido na noite gélida, um gato atravessa.  
Renata Paccola

Numa noite gélida, junto à lareira do hotel, casual se aconchega.  
Renata Paccola  
Na grande fazenda, lavradores reunidos no corte de cana.  
Renata Paccola  
Verão. Sol a pino. À sombra de uma ingarana cochila o roceiro.  
Roberto Resende Vilela  
Suor escorrendo. Camponeses preparando o corte de cana.  
Roberto Resende Vilela

C O N T O D E E S C O L A  
Machado de Assis, 40 Contos escolhidos, Seleção de Mário Feijó, 2011: www.edicesbestbolsa.com.br, pág. 16 (última) – Gentileza de Lúvia Lacerda Menendez

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia – uma segunda-feira, do mês de maio – deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhá. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant'Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu ma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. sonhava para mim uma grande posição comercial e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhá para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram

os trabalhos.  
– Seu Pilar, eu preciso falar com você – disse-me baixinho o filho do mestre.  
Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gostava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

– O que é que você quer?  
 – Logo – respondeu ele com voz trêmula.  
 Começou a leitura de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrípulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofo: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recordeo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar pra o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

– Fui um bobo em vir – disse eu ao Raimundo.  
 – Não diga isso – murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

– Seu Pilar... – murmurou ele daí a alguns minutos.

– Que é?  
 – Você...  
 – Você o quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade de vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me queria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

– De tarde, não – interrompeu-me ele – não pode ser de tarde.

– Então agora...

– Papai está olhando.  
 Na verdade, o mestre fitava-nos, como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais apressado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, pendurá-la e brandi-la, com a

força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo – dez ou doze minutos – Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

– Sabe o que tenho aqui?  
 – Não.  
 – Uma pratinha que mamãe me deu.  
 – Hoje?  
 – Não, no outro dia, quando fiz anos...  
 – Pratinha de verdade?  
 – De verdade.

Tirou-a vagorosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuído que doze vinténs ou dois tostões, não me lembra; mas era uma moeda, e tão moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo devolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

– Mas então fica sem ela?  
 – Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que dovò lhe deixou, uma caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguia reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma ideia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes; mas parece que era a lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria – e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal –, parece que tal foi a causa da proposta. O pobre diabo contava com o favor – mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, azinhavrado.

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz.

– Ande, tome – dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais lendo com fogo, com indignação...

– Tome, tome...  
 Relanceei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí e pouco, dei-tei-lhe outra vez o olho, e – tanto se ilude a vontade! – não lhe vi mais nada. Então cobreí ânimo.

– De cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorratamente; eu meti-a na algebeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição, e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despndia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremei; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescentando que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

– Precisamos muito cuidado – disse eu ao Raimundo.

– Diga-me isto só – murmurou ele.  
 Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, com eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que não fugisse, ia-a apalmando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espia-la.

– Oh! *Seu Pilar!* – bradou o mestre com voz de trovão.  
 Estremei como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornaes dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.  
 – Venha cá! – bradou o mestre.  
 Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

– Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? – disse-me o Policarpo.  
 – Eu...  
 – Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! – clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagorosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo fâmos ser castigados. Aqui pegou da palmatória.

– Perdão, *seu mestre!*... – solucei eu.  
 – Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão!

– Mas, *seu mestre!*...

– Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupei nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! Falto de brio!

Eu por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impróprios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

“Tu me pagas! Tão duro como osso!”, dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua Larga de S. Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não via; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A ideia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplendido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor a frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: *Rato na cascaca...* Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamba. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outra da delação, mas o diabo do tambor...

Missão Ribeirinha, no Rio Ouro Preto, 16.02.12

Estes foram os sentimentos que me vieram à mente nos dias em que viajo em missão, fazendo visitas às famílias que moram esparsas, distantes, isoladas às margens dos rios e matas nos rios Pacaás Novos, Novo e Ouro Preto, que estou subindo hoje, na última etapa da missão deste mês. 1.200 quilômetro de rios.

Florestas e rios no coração da Amazônia!  
 Flores que se escondem e surpreendem...  
 Rios que riem

em curvas sem fim...  
 Matos que matam em perigos que escondem.  
 Encantos que cantam e encantam.

Poesia escrita por Deus!...  
 Em forma de oração...  
 meditação...  
 Sorriso de Deus!

Padre Francisco Lenine Viana Pires